



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA- UNILAB
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM TEXTOS IRÔNICOS: UMA ANÁLISE DA
INTERTEXTUALIDADE NO ECOSISTEMA X (TWITTER)**

Maria Alice Nogueira da Silva (UNILAB/FUNCAP)¹

Mariza Angélica Paiva Brito (UNILAB/FUNCAP)²

Resumo

O presente trabalho constitui um recorte da pesquisa desenvolvida como parte do projeto de iniciação científica intitulado "Estratégias argumentativas e a influência sobre o terceiro em textos irônicos". A pesquisa é realizada em colaboração com o Grupo de Estudos em Linguística Textual (GELT) da UNILAB e o Grupo de Pesquisa em Linguística da UFC (PROTEXTO). O objetivo central é analisar as estratégias argumentativas, como a intertextualidade, conforme discutido por Cavalcante *et al.* (2022), empregadas em textos irônicos publicados na rede social X (Twitter). A ironia é compreendida como um fenômeno linguístico, uma forma ambígua de argumentação e crítica, conforme conceituado por Hutcheon (2000). Nossa pesquisa é do tipo qualitativo e o nosso método de abordagem é de caráter hipotético-dedutivo, pois partiremos das lacunas nos estudos sobre o fenômeno da ironia na Linguística Textual, formulando hipóteses sobre as estratégias argumentativas empregadas em textos publicados na rede social X (Twitter). A análise visa compreender como essas estratégias contribuem para a construção de sentidos no texto. O corpus de análise consiste em textos postados em perfis do X (Twitter) que apresentam conteúdo irônico e de natureza política, com foco na análise de três textos dos perfis @LuizPatriota e @CoronelSiqueira. O estudo fundamenta-se em uma revisão bibliográfica abrangente, incorporando contribuições de teóricos não apenas do campo do estudo do texto, mas também da literatura e análise do discurso. Entre os autores considerados estão Marques (2016), Hutcheon (2000), Marie-Anne Paveau (2021) e Cavalcante *et al.* (2021). O trabalho visa esclarecer as estratégias argumentativas utilizadas em textos irônicos no X(Twitter), ressaltando sua importância na construção de sentidos.

Palavras-chave: Ironia. Intertextualidade. Texto digital. X (Twitter).

¹ Graduanda do curso de Letras- Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB); Bolsista de Iniciação Científica da FUNCAP/BPI.mariaalicenogueira8@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB); Pesquisadora da FUNCAP/BPI. marizabrito02@gmail.com

1. Introdução

O objetivo deste estudo é aprofundar a compreensão de como os locutores, por meio de suas postagens iniciais nas redes sociais, conseguem não apenas empregar a ironia como uma mera oposição entre sentidos, entre o que é dito e o que não é dito, mas também como uma estratégia complexa para construir posicionamentos ao longo da circulação dos textos no ecossistema digital.

Comungamos com a noção de ironia proposta por Hutcheon (2000) e Pereira (2023), que compreendem a ironia como sendo um fenômeno linguageiro, que detêm um carácter ambíguo, desempenhando um papel crítico nos discursos em que é mobilizada. Dessa maneira, torna-se crucial examinar as estratégias envolvidas na construção da argumentação em textos irônicos, assim como reconhecer as características inerentes ao ambiente digital no qual esses textos circulam. Os locutores se utilizam das ferramentas digitais disponíveis na rede social, como hashtags, emojis, memes e a limitação de caracteres, para aplicar essas estratégias na construção de argumentos nos textos presentes nas interações, como comentários e repostagens dos usuários.

Nossa análise se concentrará no uso da intertextualidade como estratégia argumentativa em textos irônicos publicados no ecossistema digital do X (Twitter). Pretendemos identificar como os processos intertextuais são mobilizados para a construção de sentidos nesses textos. Além disso, buscaremos descrever como os aspectos tecnolinguageiros são empregados pelos locutores para alcançar o seu projeto argumentativo.

Ao analisar os textos irônicos no X (Twitter), torna-se evidente que os processos intertextuais, como a alusão a eventos ou obras culturais, e a paródia de textos populares, aliados aos processos referenciais anafóricos, que remetem à realidade fora da plataforma ou a elementos previamente mencionados no texto, desempenham um papel crucial na construção de sentidos nesses textos. É fundamental destacar como a intertextualidade, combinada com os aspectos tecnolinguísticos do ecossistema digital, cria estratégias eficazes para a geração de sentidos adicionais, a intensificação da ironia e o engajamento entre os usuários dentro desse ambiente virtual.

Nosso estudo visa demonstrar como os locutores, que são os usuários do X (Twitter) que iniciam as postagens, empregam os processos intertextuais e os aspectos tecnolinguageiros para construir sua argumentação. Além disso, a noção de ambiente digital proposta por Paveau (2013, 2017), a concepção de texto e de contexto propostas por

Cavalcante *et al.* (2019) serão utilizadas como suporte teórico para enriquecer a análise, bem como para a compreensão desse complexo fenômeno.

A estrutura do trabalho segue a seguinte organização: o segundo tópico abordará o fenômeno linguístico da ironia; no terceiro, discutiremos os aspectos tecnolinguísticos do X (Twitter); o quarto tópico tratará da intertextualidade; no quinto, analisaremos três textos do ecossistema digital X (Twitter); e, por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

Nesta próxima seção, exploraremos o fenômeno linguístico da ironia. Apresentaremos uma análise baseada nos estudos de Cavalcante, Brito e Faria (2023), Pereira (2023), Hutcheon (2000), Marques (2016) e Pedro (2018), que percorrem a trajetória da ironia desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade, oferecendo diversos entendimentos sobre esse fenômeno.

2. Um fenômeno linguageiro chamado ironia

A ironia, comumente vista como uma oposição entre sentidos, está presente em nossas vidas, desde conversas informais com amigos até postagens de indivíduos nas redes sociais. Diante da notável presença desse fenômeno linguístico em nossas interações, particularmente no contexto digital, surge a necessidade de compreender sua estrutura discursiva e as principais teorias a seu respeito.

Neste estudo, temos como objetivo analisar as estratégias argumentativas empregadas em textos irônicos no ecossistema do X (Twitter). Nossa base teórica inclui as contribuições de Cavalcante, Brito e Faria (2023), Pereira (2023), Hutcheon (2000), Marques (2016) e Pedro (2018) para aprofundar nosso entendimento sobre a ironia e o desenvolvimento das teorias relacionadas a esse fenômeno.

Segundo Pedro (2018), a ironia envolve uma oposição entre o que é expresso verbalmente e a verdadeira intenção do emissor, buscando comunicar um significado oposto ao literalmente expresso. Isso pode resultar em interpretações sarcásticas, satíricas ou humorísticas que frequentemente carregam conotações negativas.

Marques (2016) traça a evolução dos estudos sobre a ironia desde sua origem na Antiguidade Clássica, onde foi primeiramente discutida por Platão em *A República*.

O fenômeno da ironia não é novo e sua primeira menção remete à Antiguidade Clássica, ainda nos textos platônicos; essa primeira menção, embora não seja a invenção do fenômeno, é, todavia, o primeiro registro que temos da reflexão sobre ele. Desse modo, podemos inferir que as reflexões iniciais sobre a ironia, assim

como as reflexões sobre toda uma série de questões de linguagem, se deram dentro do campo filosófico. (Marques, 2016, p.26)

Naquela época, a ironia era utilizada como estratégia retórica por Sócrates, caracterizada por questionamentos que visavam revelar a fraqueza dos argumentos de seus interlocutores:

duas estratégias se colocam eficazmente num debate: num primeiro momento, Sócrates relativizava seus argumentos, ao construir suas asserções como perguntas, fingindo ignorância; posteriormente, as perguntas propostas pelo filósofo serviam muito mais para fazer emergir a fraqueza do raciocínio defendido por seu interlocutor do que propriamente obter uma resposta. (Marques, 2016, p.27)

Além disso, Marques (2016) destaca a manifestação da ironia na oratória, como abordada por Quintiliano, a qual era considerada tanto uma figura quanto um tropo, desempenhando um papel na construção de textos. Para Quintiliano, a ironia era usada em três contextos: quando era arriscado expressar abertamente um ponto de vista, quando não era apropriado fazê-lo ou simplesmente como adorno retórico.

Para o teórico tal estratégia é usada por três motivos: “1º quando é arriscado dizer abertamente o que queremos; 2º quando não convém; 3º apenas por adorno” (QUINTILIANO, 2010, p. 194). Nessa sistematização apresentada por Quintiliano, vemos claramente considerações sobre o funcionamento da figura dentro da arte da oratória, sobre o qual, o teórico ainda vai sinalizar que, nas figuras de sentença, caso da ironia, há dois funcionamentos distintos operando: o primeiro para provar e o segundo para excitar os afetos. Tendo apresentado as bases distintivas da figura em relação ao tropo, Quintiliano vai argumentar que “a ironia, pois, como figura, não se diferencia muito por seu mesmo gênero da ironia considerada como tropo, porque tanto em uma como na outra se tem de entender o contrário do que soam as palavras” (QUINTILIANO, 2010, p. 199). Para ele a diferença consiste no fato de que “o tropo é mais claro, e ainda que as palavras soem uma coisa e seja outro o sentido delas, o tropo não finge, porém, outra coisa” (QUINTILIANO, 2010, p. 199), enquanto “na figura sucede que a ficção é da intenção e tem mais de aparente do que de clara ou manifesta” (QUINTILIANO, 2010, p. 199), concluindo que “no tropo as palavras são diversas umas das outras, porém na figura é diverso o sentido do que as palavras soam, como nas burlas, e às vezes não só toda a confirmação ou prova de um assunto, senão também toda a vida de um homem parece ser uma ironia contínua, qual é a vida de Sócrates” (QUINTILIANO, 2010, p. 199). (Marques, 2016, p. 31)

No Romantismo alemão, a ironia passou a ser vista como uma filosofia de vida, influenciando a forma como se encarava a existência. Essa perspectiva, conhecida como "ironia romântica," representou uma mudança na compreensão da ironia, indo além da retórica e envolvendo aspectos estéticos e filosóficos.

Após uma longa tradição de estudos sobre a ironia cujo viés investigativo se dava por meio da retórica, focalizando comportamentos, construções e estratégias oratórias, no começo do século XIX, outros domínios de reflexão para além da oratória se apropriam do termo numa conjuntura filosófica, social e estética muito específica: o Romantismo alemão. Nesse contexto, emerge um conceito de ironia não como uma construção verbal ou um comportamento, mas como uma construção e um modo de olhar a vida, além da extensão estética imbricada nisto. O conceito de ironia emergente desse contexto ficou conhecido como ironia romântica, ainda que os termos ‘ironia do destino’, ‘ironia observável’, ‘ironia cósmica’, ‘ironia metafísica’, ‘ironia da vida’ etc. tenham também sido alcunhados. (Marques, 2016, p. 32)

Na introdução de seu livro *Teoria e Política da Ironia* (2000), Hutcheon coloca uma questão intrigante: "Por que alguém optaria por utilizar essa peculiar forma de discurso, na qual se diz algo que, na realidade, não se deseja comunicar, e espera-se que as pessoas não apenas compreendam o que se quer verdadeiramente expressar, mas também a atitude subjacente?" (Hutcheon, 2000, p. 11). A autora, reconhecendo a crescente utilização dessa forma de expressão, muitas vezes acompanhada de consequências negativas, empreende uma análise aprofundada da ironia. Seu objetivo é compreender como a ironia é empregada como estratégia textual, como ela é interpretada em diversos contextos e quais são as implicações de seu uso.

A obra de Hutcheon (2000) lança um novo olhar sobre a ironia, agora focando em sua presença na contemporaneidade. A autora questiona como podemos identificar uma expressão como irônica, enfatizando que a ironia só se concretiza quando é interpretada como tal, pelo menos por quem a utiliza com a intenção de ser irônico, mesmo que não necessariamente pelo destinatário da mensagem (Hutcheon, 2000, p. 22). Isso ressalta a importância do contexto na compreensão da ironia, desde a sua construção de sentido até o reconhecimento por parte dos interlocutores. Esta é a noção de ironia que utilizamos em nosso estudo que comunga da mesma posição de Pereira (2023) e Cavalcante, Brito, Faria (2023).

Como observado por Hutcheon (2000) em seu estudo, a ironia dispõe de características em sua composição, que a configuram e a diferenciam dos demais fenômenos linguísticos. Uma destas características apresentada por Hutcheon (2000) é a da aresta crítica, que seria um dos traços marcantes de seu funcionamento e de sua utilização, em que o ironista se utiliza da ironia para tecer críticas disfarçadas a um determinado posicionamento ideológico ou poder dominante (Pereira, 2023). Como apontado por Cavalcante, Brito e Faria (2023),

A característica fundamental da ironia é o que Hutcheon chama de aresta crítica – um traço avaliador negativo, cheio de sarcasmo, que diferencia a ironia de tropos, como a metáfora, e os trocadilhos. É por ter sempre uma aresta crítica que a ironia é

capaz de desafiar as normas culturais e políticas. Pode ser utilizada como uma ferramenta de crítica social, permitindo que os interlocutores exponham contradições, ambiguidades e hipocrisias presentes nas estruturas de poder e nas narrativas sociais. Pelo uso irônico, é possível transmitir mensagens de descontentamento, sátira e crítica, muitas vezes de forma indireta, desafiando as visões de mundo dominantes e convidando o outro a questionar e reinterpretar. (Cavalcante; Brito; Faria, 2023, p. 5)

De acordo com Hutcheon (2000) a ironia não é sempre composta por traços humorísticos, ela pode ser formada por traços divertidos em sua utilização, mas também pode não conter estes traços. Este traço humorístico depende do contexto em que é mobilizada. Segundo Hutcheon (2000), “poucas dessas ironias são particularmente “engraçadas”. Um dos conceitos errôneos que os teóricos sempre têm de enfrentar é a fusão de ironia e humor.” (Hutcheon, 2000, p. 20).

Em consonância com as reflexões apresentadas por Hutcheon (2000), Pereira (2023) e Cavalcante, Brito e Faria (2023) sobre o fenômeno linguístico denominado ironia, compreendemos que esta vai além de ser meramente uma figura de linguagem. Enxergamos a ironia como uma intencional oposição entre significados, abrindo espaço para diálogos complexos por meio de sua ambiguidade. Ela não se limita apenas a criticar; desempenha também o papel de estimular o sentido crítico dos interlocutores, os quais não apenas necessitam atingir, mas compreender sua utilização no contexto específico.

Portanto, diante das reflexões apresentadas, é possível compreender a evolução da utilização da ironia ao longo dos anos e as diversas perspectivas que surgiram em relação a esse fenômeno. Ela foi empregada na Antiguidade Clássica, na Filosofia e na Oratória. Também se manifestou na forma poética e dramática de encarar a vida, na literatura, assim como, em estratégias discursivas variadas.

Na contemporaneidade, a ironia se tornou uma característica marcante nas interações digitais nativas, tornando-se um fenômeno linguístico que incorpora não apenas os aspectos tradicionais de expressão, mas também os elementos tecnolinguísticos do ecossistema digital onde é utilizada. Compreender como os aspectos tecnolinguageiros do X (Twitter), que serviu de base para nosso exemplário, são mobilizados como recursos na construção de sentidos em textos irônicos torna-se um passo crucial na compreensão desse fenômeno. No tópico seguinte daremos início as discussões acerca dos aspectos tecnolinguageiros do X (Twitter).

3. Os aspectos tecnolinguageiros do ecossistema X (Twitter)

Nesta seção, exploraremos a influência dos aspectos tecnolinguageiros no ecossistema do X (Twitter) e como as mudanças trazidas pela Web 2.0 na internet redefiniram a forma como as interações acontecem. Conforme observado por Cavalcante *et al.* (2021), a Web 2.0 marcou uma transição significativa na história da internet, transformando-a em um ambiente mais dinâmico e interativo. Isso não apenas criou novas redes sociais, mas também influenciou a maneira como os usuários interagem, abrindo espaço para a expansão dos estudos de Linguística Textual no contexto digital.

Em nosso trabalho, analisaremos textos irônicos produzidos no ecossistema digital X (Twitter). O X (Twitter), anteriormente conhecido como X (Twitter), é uma rede social que permite a interação entre seus usuários por meio de textos, seja por meio de produções textuais ou e/ou visuais. Ferramentas como o botão de compartilhar e a opção de realizar um comentário em uma postagem estão presentes na constituição desta rede social e incentivam as interações comunicativas e a exposição de ideias.

Nos últimos anos, os cientistas da computação assumiram um papel fundamental no tratamento automático da língua por meio de algoritmos. A Web 2.0, muitas vezes considerada como o segundo capítulo da história da internet, transformou a experiência de conteúdo do usuário, tornando-a mais dinâmica e aberta à interação entre todos. Essa revolução no cenário midiático também gerou implicações significativas nas ciências linguísticas, questionando conceitos tradicionais da era pré-digital (Cavalcante *et al.*, 2021, p. 334):

Nas últimas décadas, os cientistas da computação passaram a controlar o tratamento automático da língua através dos algoritmos. Agora, são os estatísticos, os cientistas da computação e os matemáticos que tratam e interrogam os dados sobre a sociedade recolhidos na internet (Boullier, 2015). A Web 2.0 passou a ser vista como o segundo capítulo da história da internet, porque favoreceu uma experiência de conteúdo para o usuário de forma dinâmica e aberta à interação de tudo com todos. Essa virada da história midiática reverberou também nas ciências linguísticas, de modo a suscitar muitos questionamentos sobre as noções tradicionais da era pré-digital. (Cavalcante *et al.*, 2021, p. 334)

Marques (2016) destaca que a Web 1.0 marcou o início da disponibilidade de conexões de dados, enquanto a Web 2.0 trouxe a criação de sites e plataformas voltadas para a comunicação entre os usuários, como o Messenger e o Facebook. A Web 3.0, por sua vez, continuou a aprimorar a interação comunicativa no ambiente digital. O interesse na influência mútua entre seres humanos e máquinas surgiu com a Web 2.0, questionando a natureza dessa interação. Como apontado por Cavalcante *et al.* (2021), a relação entre a ação humana e a tecnológica é complexa, como também desafia as explicações simplistas. Latour (1994) propõe que exista uma conjunção entre o ser humano e o objeto técnico, com um

compartilhamento de responsabilidade em ações sociocomunicativas (Cavalcante *et al.*, 2021, p. 336):

O hibridismo das ações humanas e tecnológicas está longe de ser explicado em toda a sua complexidade. Os estudos pós-dualistas, como os de Paveau e Émérit (além de outros), baseiam-se em alguns pressupostos de Latour (1994), que propõe explicações para a relação indissociável entre objeto técnico, cultura e comunicação. Para o autor, nem é o objeto que muda o humano, nem é o humano que determina o objeto. Existe, na verdade, uma conjunção homem/objeto técnico e um compartilhamento de responsabilidade entre tudo o que estiver envolvido nas ações sociocomunicativas[...] (Cavalcante *et al.*, 2021, p. 336)

A noção de tecnodiscurso ou discurso nativo digital, é apresentada por Paveau (2022), como sendo o conjunto das produções textuais elaboradas online, em que se utilizam na sua construção ferramentas das diversas mídias do contexto digital. Essas ferramentas são clicáveis em um discurso digital e chamadas de tecnolinguageiras, como por exemplo, as hashtags, botão de compartilhar e links, reunindo o languageiro e tecnológico num ambiente digital.

Em seu estudo Cavalcante *et al.* (2022), propõe a noção de tecnodiscursividade como uma nova nomenclatura para as produções nativas digitais. Para Cavalcante *et al.* (2022), a tecnodiscursividade corresponde a associação dos atos da linguagem com ferramentas tecnológicas das mídias digitais em que as produções textuais são produzidas.

O desenvolvimento dos computadores e da internet, como observado por Marques (2016), possibilitou o estabelecimento de diálogos nas redes sociais, promovendo o contato comunicativo entre os usuários. Essa prática se tornou parte do cotidiano das pessoas, tornando as interações digitais uma parte integral das redes sociais. Assim, as interações digitais passaram a ser objeto de estudo, visando investigar as configurações linguísticas dessas interações no meio digital.

Em seu estudo, Marques (2016) realiza uma investigação de como a ironia se constitui como recurso em interações digitais, mais especificamente em interações em que ocorrem o compartilhamento de notícias no ecossistema Facebook. Para exemplificar, Marques (2016) efetuou uma catalogação dos recursos de expressão de ironia em interações digitais. Analisando não só a utilização da ironia presente nas interações comunicativas digitais, mas como esses recursos, que são utilizados também em situações comunicativas face a face, são reformulados para se adequarem ao contexto digital e transmitirem a ironia.

O conceito de tecnodiscurso, apresentado por Duarte e Lima (2021) com base nas perspectivas de Marie-Anne Paveau, descreve o conjunto de produções verbais elaboradas

online, independentemente do tipo de mídia ou ferramentas de escrita utilizadas. As hashtags são exemplos de tais produções verbais, permitindo o acesso a conteúdos relacionados com um simples clique ou toque.

Nessa perspectiva, Marie Anne-Paveau apresenta o conceito de tecnodiscurso ou discurso nativo digital como sendo o conjunto das produções verbais²⁸ elaboradas on-line, independentemente do tipo de mídia ou das ferramentas de escrita utilizadas (PAVEAU, 2017, p. 8). As hashtags são apresentadas pela autora como um exemplo desse tipo de produção verbal. Por meio de um simples clique ou toque nas hashtags, podemos ter acesso a uma série de conteúdos relacionados ao que está escrito nesse tecnopalavra:[...] (Duarte; Lima, 2021, p. 55).

Esse fenômeno ressalta a influência das ferramentas tecnolinguageiras na construção de discursos nativos digitais (Duarte e Lima, 2021, p. 55).

Os recursos digitais que compõem a rede social, como curtidas, emojis, compartilhamentos e hashtags, são cruciais para a comunicação no X (Twitter). Portanto, para o nosso trabalho, consideramos cuidadosamente esses recursos tecnodiscursivos, pois compõem uma parte significativa da complexa dinâmica comunicativa nos textos irônicos no ambiente digital. Junto com os discursos linguageiros, esses elementos constituem os textos no ecossistema digital.

Em seguida, iremos apresentar as discussões de Cavalcante *et al.* (2022), Carvalho (2018), Forte (2013) e Beaugrande e Dressler (1981) acerca da intertextualidade.

4. Intertextualidade e ironia

Nesta seção, exploraremos um dos elementos cruciais que serão objeto de investigação em nosso estudo: a maneira como a intertextualidade é empregada como estratégia argumentativa em textos irônicos no ambiente do X (Twitter).

Conforme discutido por Cavalcante *et al.* (2022), a intertextualidade é um fenômeno discursivo presente em diversos contextos de produção textual, envolvendo elementos visuais e/ou textuais. Sua característica fundamental é a presença de elementos de outros textos em sua estrutura, seja de forma consciente ou não, visto que todos os textos são influenciados, em diferentes graus, por outros textos no contexto social do locutor. Nas palavras de Cavalcante *et al.* (2022):

A expressão **intertextualidade** se originou da ideia de influência de um texto sobre outro, isto é, da percepção de que, em diferentes graus, todo texto continha atravessamentos intertextuais, pois, ao escrever, estabelecemos um diálogo (do qual

temos consciência ou não) com outras coisas já ditas, como um verdadeiro elo, numa corrente infindável de textos. Em outras palavras, um texto retoma outro, contestando-o ou reafirmando-o; ou imita o padrão genérico de outro; ou ainda imita traços estilísticos de um dado autor. (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 375)

Cavalcante *et al.* (2022) também indicam que a intertextualidade pode se manifestar de diversas formas em um texto, sendo categorizada, conforme o estudo de Carvalho (2018), em intertextualidades amplas e estritas. Assim, os processos intertextuais podem ocorrer por meio de citação, paráfrase, alusão, paródia, metatextualidade, transposição e imitação:

A intertextualidade, por sua vez, não é indispensável para a textualização. Em nossa proposta, entendemos esse fenômeno como um recurso textual-discursivo por meio do qual se constrói, reproduz ou transforma o sentido. Admitimos a relação intertextual: i) quando há diálogo entre textos específicos, dado pela inserção de partes de um texto em outro, ou pelas modificações operadas em um texto de modo que se transformou em outro, ou, ainda, quando um texto cumpre a função de comentar outro, casos a que chamamos intertextualidade estrita; e/ou ii) quando não há a retomada de um texto específico, mas se verifica a imitação entre gêneros do discurso ou entre estilos de autores ou quando um texto alude a conteúdos explicitados em textos diversos, situações a que chamamos intertextualidade ampla. (Carvalho, 2018, p. 18-19)

Alinhamo-nos à abordagem de Carvalho (2018), que considera a intertextualidade como um recurso textual-discursivo para construir, reproduzir ou transformar o sentido. A relação intertextual ocorre quando há diálogo entre textos específicos, seja pela inclusão de partes de um texto em outro, por modificações que transformam um texto em outro, ou quando um texto cumpre a função de comentar outro - caracterizando a intertextualidade estrita. Enquanto que, a intertextualidade ampla é observada quando não há uma retomada explícita de um texto específico, mas há imitação entre gêneros do discurso, estilos de autores ou referências a conteúdos de textos diversos (Carvalho, 2018).

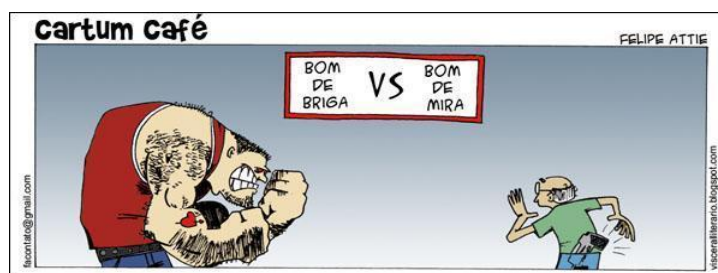
Com base nessa concepção de intertextualidade proposta por Carvalho (2018), destacamos a importância desse fenômeno discursivo e textual na construção da argumentação em textos, especialmente aqueles que circulam em ambientes digitais, como os textos irônicos no X (Twitter). Esses textos são elaborados por meio do diálogo com outras produções textuais, sejam compostas por elementos visuais, textuais ou por uma combinação de ambos. Portanto, é fundamental investigar os textos no ecossistema do X (Twitter) para compreender como a intertextualidade é mobilizada como estratégia argumentativa e identificar quais processos intertextuais são empregados na construção desses textos irônicos.

Como observado por Forte (2013), a intertextualidade está presente na construção de significados em textos de diferentes gêneros discursivos e pode ser utilizada como estratégia

argumentativa em textos verbais e verbo-visuais (Forte, 2013, p. 63). Na Linguística Textual, a intertextualidade, apesar de inicialmente ser considerada apenas um dos critérios para a existência da textualidade, revela-se como uma estratégia textual-discursiva essencial para o processamento textual. Conforme Beaugrande e Dressler (1981) a retratavam, a intertextualidade é muito mais do que um mero coadjuvante na construção de sentidos.

Em consonância com tudo que foi exposto, afirmamos que a intertextualidade se configura como uma estratégia textual-discursiva crucial para o processamento textual, sendo um recurso amplamente utilizado. A atenção ao uso desses recursos intertextuais auxilia na construção do sentido global de um texto, contribuindo muitas vezes para atingir objetivos preestabelecidos pelo autor ou pelo gênero escolhido (Forte, 2013, p. 61).

Forte (2013) propõe em seu trabalho analisar como o processo intertextual de alusão desempenha suas funções textual-discursivas extrínsecas, quando realiza a função textual de ornamentação; e intrínsecas, quando atua na função de recuperar a memória do interlocutor, na construção de sentido em um texto (Forte, 2013, p. 109-118). Para ilustrar, trouxemos um exemplo da análise de Forte (2013):



Fonte: Forte (2013; p. 109)

Como observado pela autora,

A função que a alusão exercerá no discurso será, assim como se dá com a referência, o apelo à memória do interlocutor, embora apele de uma maneira menos explícita do que ocorre com a referência. Essa busca na memória discursiva se dará de maneira mais sutil e indireta e, portanto, exigirá que o leitor seja detentor de maiores conhecimentos, uma vez que a remissão não se dará de modo tão claro. (Forte, 2013, p. 110)

Como apontado por Forte (2013) na análise de seu exemplo, neste texto ocorre uma alusão a história bíblica do confronto entre os personagens Davi, um pastor de ovelhas que derrotou Golias com “apenas uma pedrada na testa do guerreiro” (Forte, 2013, p.110), e Golias, um guerreiro, descrito na história como um “gigante”. A alusão se dá por meio da ilustração das características entre os dois personagens do texto e as características dos personagens bíblicos Davi e Golias, além de um resgate à própria história bíblica por meio das frases que caracterizam os dois personagens. Dessa forma, segundo Forte (2013), a alusão

exerce neste texto a função de “apelo à memória do interlocutor” (Forte, 2013, p.110), uma vez que para compreender o sentido deste texto, o leitor necessita de um conhecimento prévio acerca desta história bíblica.

Neste próximo tópico, daremos continuação a nossa discussão acerca da mobilização da ironia, dos processos intertextuais e dos aspectos tecnolinguageiros por meio do nosso exemplário selecionado do X (Twitter).

5. A ironia no ecossistema X (Twitter) e suas marcas argumentativas

Para ilustrar as discussões apresentadas neste estudo, selecionamos textos do ecossistema digital X (Twitter) provenientes dos perfis @CoronelSiqueira e @LuizPatriota. Ambos os perfis compartilham postagens com teor irônico e satírico, abordando questões políticas. A escolha desses perfis baseou-se em suas biografias no X (Twitter), onde deixam claro que seus conteúdos são voltados para a sátira e o humor, caracterizando-os como perfis explicitamente irônicos. Para iniciar nossa análise, destacamos o seguinte texto do perfil @CoronelSiqueira:

Exemplo 1- Repostagem realizada pelo usuário @coronelsiqueira



Fonte: Coronel Siqueira. Disponível em: <https://x.com/direitasiqueira/status/1697942676824268887>. Acesso em: 08/10/2023.

Na postagem, o usuário @folha, perfil do jornal brasileiro Folha de São Paulo, compartilhou uma notícia do site do jornal, informando que a primeira-dama Janja bloqueou alguns perfis no X (Twitter) desde a posse do então presidente Lula. A Folha de São Paulo

revela que esses perfis pertencem a bolsonaristas que criticaram a primeira-dama Rosângela Lula da Silva, Janja.

Ao realizar a repostagem, o usuário @CoronelSiqueira aproveitou a função disponibilizada pelo X (Twitter) para adicionar um comentário à postagem compartilhada, expressando assim sua opinião sobre o conteúdo compartilhado pela @folha. Em seu estudo Costa (2023), compreende o compartilhamento de uma postagem de outro usuário e a utilização da função de adicionar um comentário acima da postagem compartilhada como sendo um caso de intertextualidade por citação. Segundo Costa (2023), “estamos considerando que se trate de um caso de intertextualidade por copresença: a citação, pois temos uma menção direta e marcada de trecho de um outro texto.” (Costa, 2023, p. 64).

Em seu comentário, @CoronelSiqueira faz uma alusão ampla a eventos ocorridos durante o governo anterior, mencionando a investigação dos cheques depositados por Queiroz na conta da então primeira-dama Michelle Bolsonaro e o caso das joias, em que Michelle Bolsonaro e seu esposo, o então presidente Bolsonaro, venderam joias recebidas de países estrangeiros. Além de fazer referência ao episódio das mortes das carpas que ficavam no lago do Palácio da Alvorada, que foi secado para que Michele Bolsonaro pegasse as moedas que tinham sido depositadas lá.

Conforme ressaltado por Cavalcante *et al.* (2020) sobre intertextualidade, "o processo de construção do 'novo', viabilizado pelo diálogo intertextual, ainda que tributário do 'velho', agenciará novos elementos que contribuirão para imprimir sentidos outros para cada situação comunicativa." (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 101).

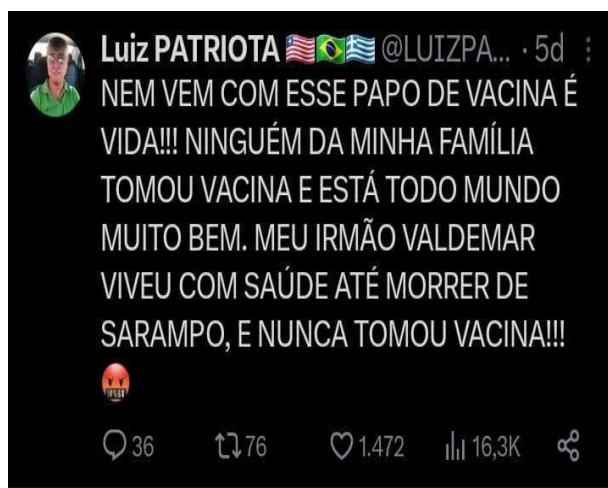
A aresta crítica da ironia feita pelo perfil @CoronelSiqueira é direcionada, de maneira significativa, à Folha de São Paulo, um jornal frequentemente alvo de críticas devido às escolhas de seus conteúdos. Isso fica evidente ao transformar o simples bloqueio de 19 usuários pela atual primeira-dama da república, Janja, em notícia.

As expressões impactantes, seguidas pelos três pontos de exclamação em "Isso aqui já é demais!!! Impeachment já!!!", em resposta à notícia sobre o bloqueio de 19 usuários pela primeira-dama Janja, revelam a intensidade do escárnio e da depreciação utilizados na construção da ironia por parte do @CoronelSiqueira. Nessa abordagem, ele critica a postagem da @folha, enquanto simultaneamente faz alusão ao processo de impeachment enfrentado pela ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016. Assim, a ironia é empregada para censurar a notícia divulgada pela @folha e o governo anterior, ao mesmo tempo que mantém oculta a verdadeira intenção do autor, proporcionando uma forma de autodefesa (Hutcheon, 2000). Além disso, tornam-se evidentes os processos intertextuais utilizados, como a alusão e

a referência aos eventos ocorridos durante o governo Bolsonaro, recuperando não apenas textos específicos, mas também aludindo a uma série de outros textos que circularam nas mídias digitais nesse período.

Ao examinar o texto, fica evidente que o perfil @CoronelSiqueira utiliza de maneira hábil as características específicas do ecossistema X (Twitter), como o compartilhamento de postagens, aliadas à ironia para construir sua argumentação. Nesse contexto, o autor critica o governo anterior e questiona a notícia divulgada pelo perfil da Folha de São Paulo. A ironia, funcionalmente empregada, permite ao ironista, diante de uma situação comunicativa que considera opressora, contornar o sistema opressor ao usar os discursos predominantes para desconstruí-los. Além disso, a ambiguidade introduzida pela ironia serve como uma forma de autopreservação (Marques, 2016, p. 62). Vamos agora examinar um exemplo específico de como a ironia é mobilizada em um texto do ecossistema X (Twitter):

Exemplo 2- Postagem do usuário @Luiz Patriota



Fonte: Luiz Patriota. Disponível em: <https://twitter.com/LUIZPATRIOTA39/status/1721904564956438775>. Acesso em: 12/11/2023

Conforme Pereira (2023), “A ironia não pode ser isolada do contexto social, cultural e discursivo em que é expressa, pois é nessa complexa rede de significados que sua natureza ambígua e crítica ganha sentido.” (Pereira, 2023, p. 41). Desse modo, faz-se relevante compreender o contexto social e histórico no qual o texto é realizado.

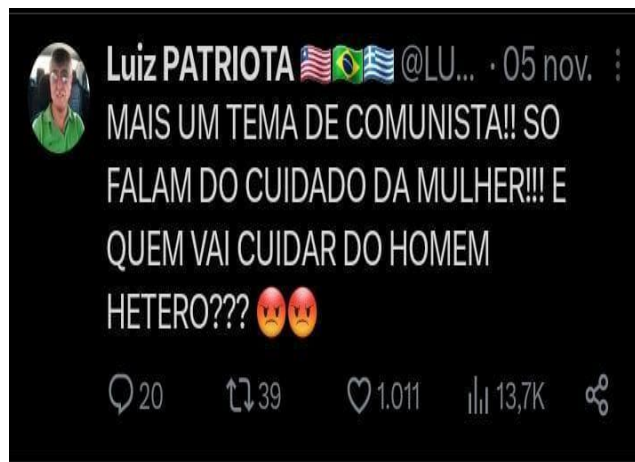
O texto do exemplo 2 foi publicado no X (Twitter) pelo usuário @LuizPatriota, um usuário da rede social que tem seu perfil voltado exclusivamente para o humor, a paródia e a sátira, assim como expõe em seu perfil. O usuário inicia seu texto com “Nem vem com esse papo de vacina é vida!!!”, uma afirmação negacionista científica que vai contra as

contribuições comprovadas cientificamente dos benefícios da vacinação. No decorrer da construção de seu texto, o locutor @LuizPatriota continua promovendo um discurso negacionista, contra a vacinação, até que termina seu texto explicitando que seu irmão nunca se vacinou e “viveu com saúde até morrer de sarampo, e nunca tomou vacina!!!”.

A construção do texto do usuário @LuizPatriota é marcada por referências a discursos construídos pelo ex presidente Bolsonaro e seus apoiadores durante a pandemia da Covid- 19, os textos eram constituídos, em sua maioria, por afirmações negacionistas, que duvidavam da eficácia da vacina ou que insinuavam que a substância desenvolvia reações no organismo humano, transformando quem a tomasse em um animal, um jacaré.

Observemos o seguinte exemplo a seguir:

Exemplo 3- Postagem do usuário @Luiz Patriota



Fonte: Luiz Patriota. Disponível em: <https://twitter.com/LUIZPATRIOTA39/status/1721216969855160699>. Acesso em: 12/11/2023

No texto apresentado acima podemos observar um exemplo de intertextualidade estrita. O texto foi produzido e postado no ecossistema X (Twitter) pelo usuário @LuizPatriota. A postagem ocorreu no dia 05 de novembro de 2023, no mesmo dia em que transcorreu no Brasil o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O ENEM acontece anualmente em todo o território nacional e serve para analisar o desempenho dos estudantes nas áreas de Humanas, Linguagens, Natureza, Matemática e Redação. Neste ano, o tema da redação foi "Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil"., propondo assim, uma discussão acerca da invisibilidade do trabalho realizado pelas mulheres no âmbito familiar.

Diante do exposto, ao voltarmos nosso olhar para o texto podemos identificar um caso de alusão estrita, uma vez que para construir o sentido de seu texto o interlocutor, o usuário

@LuizPatriota, expõe sua insatisfação ao declarar que “um tema de comunista”, fazendo com que o locutor resgate o referente “tema” e se recorde da redação do ENEM. Desse modo, além da intertextualidade estrita, podemos observar o emprego do processo referencial intertextual, utilizado no texto de forma estratégica para que se possa estabelecer um diálogo entre os dois textos de forma indireta.

Como apontado por Cavalcante *et al.* (2022), a alusão é um caso de intertextualidade estrita, em que o locutor introduz pistas em seu texto para que assim o interlocutor seja capaz de se recordar de um outro texto, resgatando o seu sentido. Neste caso, o texto-fonte não se repete no novo texto, mas existem marcas de sua formação.

Um outro aspecto relevante na construção do texto é a utilização dos dois emojis que representam a reação de raiva. Marques (2016) compreende a utilização de *emoticons* como um recurso marcador de ironia em textos, uma vez que, os *emoticons* seriam a retextualização dos recursos gesticulatórios utilizados nas interações face a face para interações no contexto digital. Dessa forma, os dois emojis empregados no texto são necessários para a construção do sentido irônico no texto.

Conforme apontado por Carvalho (2018), “o estatuto intertextual depende do aparato sociocognitivo, construído pela relação indissociável entre o conhecer e as experiências culturais.” (Carvalho, p. 109, 2018) Assim, o contexto de produção e circulação do texto torna-se relevante tanto para a compreensão da ironia presente, quanto para a identificação da relação entre os textos.

6. Considerações finais

Após a realização deste estudo acerca dos textos irônicos publicados no ecossistema X (Twitter), pudemos observar que a intertextualidade é amplamente utilizada para a construção dos sentidos desses textos. Os usuários, perfis declaradamente voltados para o humor e a sátira, empregam a alusão e a referência para que possam desenvolver sua argumentação acerca dos temas propostos, que são em sua maioria de cunho político brasileiro e ou da política mundial.

Os perfis analisados, @coronelsiqueira e @luízpatriota, valem-se do sentido irônico em seus textos, de modo que possam compor críticas aos alvos da ironia, o que seria complexo sem o caráter ambíguo da ironia, pois como evidencia Hutcheon (2000), a ironia pode ser compreendida também como um ato de defesa utilizado pelo ironista. Por meio desta pesquisa pudemos compreender como ocorre a argumentação e como a ironia é

mobilizada no ecossistema X (Twitter), neste ambiente digital que sofre mudanças contínuas, como o caso da alteração da sua nomenclatura, que ocorreu no decorrer da pesquisa. Desse modo, ao observarmos as transformações que ocorrem no ambiente digital, podemos constatar que ainda se tem muito a dizer sobre a ironia na linguística textual. Outras discussões relevantes, como a influência da mobilização da ironia sobre o terceiro e a utilização dos processos referenciais na construção da argumentação dos textos irônicos do ecossistema X (Twitter) serão alvo de nossas próximas pesquisas.

7. Referências

BEUGRANDE, R-A; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. Londres e Nova York: Longman, 1981.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

CAVALCANTE, M. M et al. **Linguística Textual – conceitos e aplicações**. 1. ed.- Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, M. M et al. **Linguística Textual e Argumentação**. 1. ed.- Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. & OLIVEIRA, R. L. de. (2021). **A relevância do texto e da interação no contexto digital**. *Calidoscópio*, 19(3): 333-344. 10.4013/cld.2021.193.03.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; FARIA, Maria da Graça dos Santos. **Atos linguageiros de ironia sarcástica: considerações argumentativas em linguística textual**. 2023.

COSTA, Dálete De Castro Braga. **INTERTEXTUALIDADES ESTRITAS E AMPLAS NA TECNODISCURSIVIDADE**. Dissertação de Mestrado em andamento. Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2023.

FORTE, Jamille Sainne Malveira. **Funções textual-discursivas de processos intertextuais**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

LATOUR, B. 1994. **Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro, Editora 34, p. 145.

MARQUES, Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos. **Recursos de ironia em interações digitais: um estudo do gênero compartilhamento de notícias**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira; SILVA, Eduardo Dias da (Orgs.). **ESTUDOS DA LINGUAGEM: INTERFACES NA LINGUÍSTICA, SEMIÓTICA E LITERATURA EM PERSPECTIVA**. Vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Trad. J. L. Costa e R. L. Baronas. 2. ed. - Campinas, SP: Pontes, 2022.

PEDRO, Gabriela Wick. **ComentCorpus: Identificação e pistas linguísticas para detecção de ironia no português do Brasil**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos, 2018.

PEREIRA, Danielle Ketley De Sousa. **ASPECTOS TEXTUAIS DA IRONIA**. Dissertação de Mestrado em andamento. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Acarape, 2023.